

Quando um heterônimo se suicida: tanatografia e alteridade na *Educação do estoico*, do Barão de Teive

Ana Clara Magalhães de Medeiros¹
Augusto Rodrigues da Silva Junior²

Resumo: A escrita de morte, chamada tanatografia, mostra-se operante na conjugação de elementos que fazem da literatura espaço prodigioso para discussão da condição humana desassossegada perante o morrer. Neste artigo, analisa-se a relação entre escrita e suicídio a partir da obra de um autor fictício erigido por Fernando Pessoa, conhecido como Barão de Teive. Acessamos desse heterônimo seu único manuscrito, *A educação do estoico* (1928), que discute questões autorais, sepulcrais e vitais formuladas no esteio da filosofia estoica em diálogo necessário com o socratismo. Relacionando o fenômeno heteronímico pessoano ao processo dialógico de construção de alteridades ensejado pelo teórico Mikhail Bakhtin, perscrutamos novos modos de observar o auto-aniquilamento de um autor-criado que cria prosa artística e filosófica no seio de seu fim.

Palavras-chave: suicídio; tanatografia; heteronímia; alteridade.

O presente artigo analisa a questão do suicídio como escrita de morte. É inteiramente dedicado à tanatografia presente em autores criados por Fernando Pessoa e analisa, somente sob esse ângulo de visão, a obra *A educação do estoico*. Seus anos de feitura variam entre 1912, 1920, 1928 e 1929. Sua publicação é muito recente: 1999. Para este trabalho, utilizamos a segunda edição, de 2001, com alguns acréscimos na organização dos originais realizada por Richard Zenith. A menção das datas é importante para a apreensão da imagem deste heterônimo que suicida e não exatamente se suicida. A mudança no verbo é necessária para mostrar como as existências se

alteram no tempo. Como sujeito, Teive foi aquele que, cambiante a cada parágrafo, colocava-se como alguém que foi – no instante mesmo da escrita. Escreve como se estivesse se despedindo, mas já sente uma condição sepulcral da edição. Suas póstumas memórias vão dando vida àquele que está no presente enquanto escrita, passado enquanto publicação, condição suicidária enquanto futuro: “O próprio suicídio – me figurei no discurso deste devaneio lógico – seria talvez uma compulsão alheia; nenhuma vida espontaneamente se mataria, mas no suicídio resolveria a morte de fora por simples meio de si mesma” (TEIVE, 2001, p. 34).

¹ Professora Adjunta na UFAL. Doutora em Literatura e Práticas Sociais pela UnB. Contato: a.claramagalhaes@gmail.com.

² Professor Adjunto na UnB. Doutor em Literatura Comparada pela UFF. Contato: augustorodriguesdr@gmail.com.

Neste jogo, resolver a morte de fora é um ato voltado para a escrita dela mesma. Embrenhado está o *resolvedor* Fernando Pessoa: multiplicado pela imposição do ser biográfico. Na imposição do fictício, enquanto coisa por dentro, a espera da morte tão real e elaborada por Teive altera profundamente a relação heteronímica. O ortônimo então “se salva”. Salva-se porque, na escrita de morte do outro, ele aprende a viver. Nesta relação, a tanatografia, para o ortônimo, é a favor da vida. Para o heterônimo, é totalmente a favor da morte.

Considerando Fernando Pessoa como o criador de uma filosofia poética da tanatografia – escritos de vidas (criativas) – invoca-se, necessariamente, o maior impasse da existência: a morte. Nos anos de criação e consolidação das suas figuras, ele mesmo, ao ser também criador direto dessas biografias, enquanto ser vivente, tem de decidir quem vive, quem permanece *producente*, quem assina e quem morre. No seu panteão de seres criados, os escritores podem: morrer *matados*, ser *suicidas* ou *suicidados*, precisar morrer para que ele continue a escrever; precisar existir para que ele exista. Toda uma variante de condições vitais e sepulcrais à roda da sua escrita antologicamente plural. Existências que se respondem via arena literária no conhecido “drama em gente”, lançado pelo poeta de *Ficções do Interlúdio* no ano de 1914, mas que vai se concretizando como “poesia em gente” em momentos cabais de sua produção em progresso. Há, ainda, aque-

les seres de palavra que não tiveram seu fim biográfico definido: alguns foram matados ou vividos por outros autores... Também, de alguma maneira, *retornantes* que emigram no exercício de crítica literária, esta também dotada da força reveladora de catarses: “são tais categorias estéticas que fazem de *A educação do estoico* mais um capítulo do imenso labirinto pessoano” (SILVA JR., 2018, p. 147).

Deste modo, cada heterônimo desponta como pilar de uma imensa ponte que vai se fazendo enquanto (cada um) escreve. Morre o mestre (filosófico) Alberto Caeiro no ato da sua criação. Morre Ricardo Reis na pena de José Saramago (no romance *O ano da morte de Ricardo Reis*, de 1984). Álvaro de Campos permanece vivo numa existência proscrita. Bernardo Soares, *se é que alguma vez existiu*, tem sua condição adulterada na desconcertante alcunha de semi-heterônimo. Nesse fazer e desfazer de livros, temos um Fernando Pessoa editor durante o período da quase nati-morta *Revista Orpheu*. O poeta derrotado do concurso em que aparece a *Mensagem* (detentora do Prêmio de Segunda Categoria no Concurso de poesia promovido, em 1934, pelo Secretariado da Propaganda Nacional de Portugal). Enfim, quase toda sua obra é póstuma e, na sua inteireza, no seu dizer um quase nada – que é tudo – tornou-se um fazedor da Língua Portuguesa.

Teive, por sua vez, queima suas obras, não sem antes as ler, e deixa apenas seu “último” *manuscripto* como uma paideia possível para

uma educação “estoica”:

Manuscrito encontrado numa gaveta

Para não deixar o livro em cima da mesa do meu quarto, sujeito assim ao exame das mãos suspeitamente limpas dos criados de hotel, abri, com certo esforço a gaveta, e meti-o lá, empurrando-o para trás. Esbarrou em qualquer coisa, pois a própria gaveta não era tão pouco funda (TEIVE, 2001, p. 17).

Por intermédio de uma postura filosófica estoica, o mítico artista *morre-se* no norte de Portugal. Ao escrever como ato de suicídio, coloca o grande problema da heteronímia numa curva biográfica que envolve seres vivos e seres defuntos. Seres com corpo e com obra, seres sem corpo e com obra, seres mortos com obra e todas as obras assinadas por alguém num conjunto responsável de *nós líricos* – em contraposição à noção teórica tradicional de “eu lírico”. Nesse conjunto de autores que não vivem, mas detêm biografias, de fazedores que não têm corpo, mas possuem obra, a posição vital-volitiva (BAKHTIN, 2003) de cada um incide profundamente na condição criadora e criativa do ortônimo e na criação de cada um dos poetas heterônimos – porque outrônimos. A gaveta guarda essa “scripta” – conforme grafado no original. Naquele momento, scripta e cripta se confundem no bilhete deixado e publicado em livro. O arranjo editorial do texto achado, organizado, publicado na posteridade enuncia ainda uma imagem dos últimos momentos de um homem – ou melhor, de um heterôni-

mo. O jogo prosaico continua num outro bilhete:

Nisto o suicida foi antecipadamente injusto. As referências dos jornais prestam-lhe inteira homenagem. Assim, o correspondente local do “Diário de Notícias” transmite nestes termos ao seu jornal a notícia da morte: “Suicidou-se ontem na sua casa de Macieira o Sr. Álvaro Coelho de Athayde, 20º Barão de Teive, de uma família das mais distintas deste concelho. O triste fim do Sr. Barão de Teive causou grande consternação, pois o finado era aqui muito estimado pelas suas belas qualidades de carácter” (TEIVE, 2001, p. 19).

Nesse propósito autoral, Álvaro Coelho de Athayde, o 20º (ou o 14º, como coloca a certa altura de seu escrito) Barão de Teive, constrói algo que definimos como uma estética tanatográfica do suicídio, por apresentar-se justamente como tal. O jogo editorial pessoano extrapola-se numa tradição autoconsciente ligada, no âmbito da prosa, a obras clássicas de Machado de Assis, Lawrence Sterne e Cervantes. Na nota reproduzida, cruzam-se discursos diante do ato. Também demonstram que a condição estoica pintada pelo próprio Barão, numa espécie de homem do subterrâneo, é instaurada num sentimento autoral do suicídio que leva à ação de morte. Que a vida em vida, nessa “pessoalização” da existência, escreve-se entre o fim da autobiografia e a imortalidade da existência na biografia: “O que me levará ao suicídio é um impulso como o que leva a deitar cedo. Tenho um sono íntimo

de todas as intenções” (TEIVE, 2001, p. 17). Na *Educação do estoico*, o trespasse coloca-se como ato e fato. Interrupção é realização. Suicídio é obra. O tempo do texto dura o tempo da ação de tirar a própria vida.

Contornos socráticos delineiam essa morte estoicamente prosaica: “Nada pode já transformar a minha vida. Se... se... Sim, mas se é sempre uma coisa que não aconteceu; e se não aconteceu, para que supor o que seria se ela fosse?” (TEIVE, 2001, p. 17). O que se apresenta como escrita-contínua na hora da morte (logo, escrita de vida) cheira a sepulcro na ação iminente: “Estou agora liberto e decidido. Matar-me; vou agora matar-me” (TEIVE, 2001, p. 18). Diante deste sentimento (antecipado) do luto, perante a ação de “ver” o outro tirar a própria vida, nessa escrita melancólica e autoconsciente da morte, é necessário buscar um contemporâneo de Pessoa que refletiu sobre o suicídio na década de 1910: “Podemos, eu acredito, apenas tomar como nosso ponto de partida a condição de melancolia, que nos é tão familiar clinicamente, e uma comparação entre ela e o afeto do luto” (FREUD, 2006, p. 244).

No plano da autoria, Pessoa criou pessoas e, por extensão, um novo modelo artístico. Provocou transformações profundas na história da representação poética e sua novidade fundamental do “drama em gente” – que também entendemos como “diálogo em gentes” – gerou grandes unidades orgânicas no conjunto finito de sua “poesia em

gente”. Na condição de inacabamento das heteronímias, implicam-se motivações prático-vitais. No caso de Teive, movimentam as forças estudadas por Freud na relação do ser com um objeto ou com um outro – e que o levam a voltar-se contra si mesmo. A partir das ideias de “decomposição biográfica” e de “tanatografia” (SILVA JR., 2008; 2014), tratamos, então, o suicídio de Teive como um impulso motivador e definidor de sua própria poética, além de desvelar as implicações dessa poética no seio de totalidade pessoana. É importante frisar que o personagem autor, antes de deixar esse “último manuscrito”, leu e queimou todas as suas outras obras (inéditas). Esse ato de destruir, também, aquilo que escrevera ao longo de toda a vida potencializa a obra deixada na gaveta, fazendo dela seu “único scripto”.

Tal peculiaridade criadora lança bases analíticas para uma nova mirada sobre a produção não apenas do Barão, como também de Bernardo Soares, dito “semi-autor”. Tudo isso em processo decompositivo dialógico (SILVA JR., 2008) com outras figuras heteronímicas. O *Livro do desassossego* (também escrito ao longo da década de 1920), na confluência das vozes pessoanas, permite-nos encontrar justamente as imagens tanatográficas em movimento. Neste sentido, os pontos de contato entre Barão de Teive e Bernardo Soares destacam uma escrita de memória socrática que caminha para o fim de forma estoica. A tentativa de focalizar simultaneamente as obras em suas realidades pró-

prias e o contexto pessoano como um sistema de poéticas entrecruzadas leva à condição heteronímica, num conjunto de presenças e fantasmagorias. A tanatografia, seja em escrita para a vida, seja na escrita para o fim, enuncia uma disputa profunda de autorias – a reflexão tem suas mais profundas raízes em *Memórias póstumas de Brás Cubas* (MACHADO DE ASSIS, 1880/81) – e se coloca da seguinte maneira num plano teórico-histórico:

podemos oferecer algumas referências filosóficas para pensar esta escrita do finamento. Há um “ser-para-a-morte” em Sêneca, Montesquieu, Nietzsche, Heidegger. Há um “ser-contra-a-morte” nos Evangelhos, em Montaigne, Sartre, Camus e Elias Canetti. Os primeiros, no exercício filosófico, projetam na própria morte a reflexão, o enaltecimento e a necessidade de preparar-se para o trespasse. Os outros, buscam a não aceitação do fim, uma solidariedade que a confronta, nega, não aceitando o total falecimento do outro e nem mesmo o próprio desaparecimento do mundo (SILVA JR., 2014, s/p).

No âmbito geral do drama pessoano em autores, encontramos na relação entre Barão de Teive e Bernardo Soares o mais íntimo dialogismo tanatográfico do ser-para-a-morte e o ser-contra-a-morte. A escrita heteronímica permite pensar-se a intrínseca correspondência entre os heterônimos, mediada pelo ortônimo, pode ser relativizada nesses encontros entre Pessoa e um suicida; e Pessoa e um semi-ser. Uma vez que o ortônimo, tecendo crítica sobre dois de seus autores

personagens, pontua que “O fidalgo pensa claro, escreve claro, e domina as suas emoções, se bem que não os seus sentimentos; o guarda-livros nem emoções nem sentimentos domina, e quando pensa é subsidiariamente a sentir” (PESSOA, 2011, p. 506). Isso aponta, simultaneamente, para formas de luto e de melancolia. Os dois livros realmente caminham numa escrita autoconsciente e, mais latente, em prosa, conjugam a ambiência onírica (de Soares) para alcançar o efeito de liberdade. Entretanto, o estoicismo possível no século XX para o qual “a noite é sono, lares, livramento” (PESSOA, 2011, p. 71) instaura um jogo que envolve a despedida do personagem-autor suicida e daquele outro que precisa sair da condição de semi-autoria para assinar: “Aquela relação que há entre o sono e a vida é a mesma que há entre o que chamamos vida e o que chamamos morte” (PESSOA, 2011, p. 191).

De fato, identificamos, nas duas poéticas, uma busca pela liberdade – sendo essa o eixo fundador da escrita múltipla e multifacetada de toda a criação de Fernando Pessoa. Como já grifado pelo ortônimo, o guarda-livros apropria-se de uma atmosfera indomável, que ele mesmo não consegue gerir. Entre o sono e os sonhos, tudo aquilo que ele é, enquanto escreve, e aquilo que o outro não pode ser, quando ortônimo, enfim, tudo nele pleiteia a autoria. Por sua vez, o fidalgo destaca-se como detentor de exemplar clareza e de pleno domínio emocional, assentado no melindroso planejamento de seu autoextermínio, cha-

mado por ele mesmo de estoico. Estoicismo pleno de tanatografia que se realiza em cinismo – no sentido concernente a Sócrates e Luciano de Samósata.

Durante muito tempo, o panteão pessoano deteve-se naqueles que tiveram sua obra – e sua biografia – mais bem acabada: Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis. Nessa condição, enquanto tais figuras têm seus caminhos poéticos bem delineados e se respondem constantemente (via prefácios, notas e cartas) na arena discursiva, que também inclui o ortônimo, surgem exatamente as duas personas aqui destacadas: um suicida e um semi-escritor (ajudante de guarda-livros de profissão). O termo *semi*, aplicado propositadamente ao segundo, que é uma condição de escrita também, leva a vários elementos da tanatografia: Pessoa, enquanto ser criador, não permite que um possível heterônimo constitua-se enquanto completo ser criado e criativo. Soares tem nome, mas não tem heteronímia completa. Ao longo de toda a obra, um dado peculiar: todos os heterônimos escrevem em individualidade poética. Ninguém nunca divide autoria. Quando isso pôde ou poderia ter acontecido, no emblemático *Livro do desassossego* – aparece fraturado, *fantasmado*, mas em uma fantasmagoria natimorta, semi-viva.

O problema do suicídio foi posto, ao longo da história humana, em alguns momentos específicos das culturas. Embora possamos indicar os tabus judaicos e as práticas orientais, por absoluta contenção e

adequação ao espaço propiciado à escrita deste texto crítico, trazemos como ponto de contato, por intertextualidade, a herança estoica de Sêneca. Entretanto, reportamos a um Sêneca tão bem *traduzido* na cultura lusitana por Padre António Vieira – obsessivo pelo modo de pregar – fazer figura, no esteio de Erich Auerbach (2011) – do filósofo de um outro império.

A alusão a padre Vieira lança-nos no contexto cristão, que certamente incide sobre um estudo da tanatografia na cultura lusófona. Se é certo que o século XIX em Língua Portuguesa – com Machado de Assis e Eça de Queiroz – contribui definitivamente para um capítulo dos estudos sobre morte e literatura em nossa pátria linguística, não é menos certo que outro oitocentista, situado em espaço cristão distante do nosso, contribuiu definitivamente para a consolidação de uma literatura sepulcral. Fazemos alusão a Dostoiévski, prosador russo, e, aqui, seguindo lição machadiana, precisamos empreender digressão breve.

O suicidado Teive desperta no leitor atento memória de uma espécie de grande tratado romanceado do suicídio: *Os demônios* (DOSTOIÉVSKI, 1872). Tal livro integra uma galeria de personagens suicidas e um conjunto inumerável de vozes e formas de abordar o tema, realizar o ato, discuti-lo no campo da cultura e da arte no espaço respondível da prosa. Ao percorrer as ações suicidárias em Dostoiévski, perceberemos o jogo entre a palavra única, a palavra plural, a palavra escrita e o tema do suicídio – social e literário.

O desejo de suicidar o outro, discursivamente, nasce para que a auto-atitude pareça melhor, maior – por mais heroico, mais sábio. No caso dostoiévskiano, a palavra plural, emergida da arena discursiva, agrega as situações da vida ordinária e ganha totalidade no desejo de deixar suicidar uma única figura (como no episódio de Chatóv).

Note-se que, também na *Educação do estoico*, o saldo é um suicídio, o do Barão: palavra plural, por heteronímica, matada pelo próprio Teive – batalha singular de autor criado com autor criador (se pensarmos na relação com o ortônimo). A questão é complexa porque envolve autoria; ontológica porque envolve o limite do humano, a morte.

No âmbito das performances sociais, da responsividade ativa na história (a referência a Dostoiévski nos imbuí de palavras e pensares de Mikhail Bakhtin, crítico comprometido em pensar alteridades). Portanto, ao visitar poéticas polifônicas, a partir do romancista seu compatriota, pensamos no conto *Bobók* (1873; 2005). Nele, Dostoiévski empreende resposta à polêmica em torno do “romance dos suicídios”, como era conhecida sua última publicação (justamente *Os demônios*; 1872; 2002). No conto, o personagem-escritor responde ao seu tempo, enquanto seus desafetos, movidos por suas ideias, faziam circular boatos capciosos, panfletos, falas e escritos jornalísticos medíocres. No entanto, palavra plural, que se desmancha no ar (e o caso de Bobók ainda é o melhor exem-

plo), é aquela que evoca o incapacitamento e que se efetiva no grande tempo da arte (BAKHTIN, 2002). Romances e contos, como esses de Dostoiévski, capazes de terem impacto na história (palavra escrita e bem acabada), revelam-se como livros que representam variantes de certo mal-estar da cultura. Mal-estar que se estende a Pessoa, Teive e Bernardo Soares. No nosso tempo, tais ideias são respondidas pela crítica polifônica, movida neste esforço pela compreensão tanatográfica da vida e da morte.

Se a melhor palavra ainda é a ação, como dizia o Vieira devoto de Sêneca, anteriormente aludido, na arena polifônica pessoana, o Barão de Teive destaca-se não apenas no âmbito da aproximação com Soares, mas no conjunto de vozes e nomes palavrados por Pessoa. Com vistas a uma comparação que dê conta da totalidade da produção do “supra-Camões”, vale dizer que se trata efetivamente de um suicida, incapaz de aguardar que o “outro o mate”. Se, na raiz da heteronímia, Alberto Caeiro fora morto (mesmo que indiretamente) pelo poeta ortônimo, se Ricardo Reis teve seus momentos derradeiros prosificados posteriormente por José Saramago, e Álvaro de Campos partiu para Glasgow sem deixar vestígios, o Barão, pelo contrário, não esperou que um outro definisse seu desfecho

biográfico. Construiu seu próprio fim, o fim de seus escritos e, ainda, fez disso relato em seu último manuscrito: “Assim, por ter duas virtudes, nunca pude fazer nada de mim. Não foi o excesso de uma qualidade, mas o excesso de duas, que me matou para a vida” (TEIVE, 2001, p. 20).

Tendo em vista as particularidades expostas sobre a obra pessoana, a comparação entre heterônimos pode iluminar a escrita desse único que se mata. Nesse sentido, volvemos o olhar com alguma demora para o caso Bernardo Soares. A disputa, na assinatura do *Livro do desassossego*, importa, não apenas pelo tempo de escrita – que coincide com o tempo de escrita da *Educação do Estoico* –, mas pela condição ortônímica de um Pessoa que já passou pela *Revista Orpheu* e que precisa afirmar-se enquanto escritor. Tudo isso para erigir uma compreensão dessa tanatografia do suicídio e daquilo que ela revela de reflexão sobre a criação coletiva pessoana. Richard Zenith, diante dessas distinções que partem do próprio ortônimo, tece algumas considerações: “Se Bernardo Soares foi classificado como um semi-heterônimo por ser uma ‘simples mutilação’ da personalidade de Pessoa, a mesma distinção cabe ao Barão de Teive, que foi até mutilado na carne, uma vez que lhe cortaram a perna es-

querda” (ZENITH, 2001, p. 88). Para nós, o que os diferencia são justamente suas experiências particulares de tanatografia e, consequentemente, de existência na relação com a morte. O que mata um para a vida, permite que o outro viva para a morte.

Para tal composição artística, em um conjunto de “decomposições biográficas”, os “cruzamentos e as intersecções” de consciências, formulados por Bakhtin em *Problemas da poética de Dostoiévski* (que tem sua primeira versão em 1927), atende ao cruzamento e intersecção das consciências heteronímicas que fomentam a existência pessoana em diálogo. O aporte teórico bakhtiniano apresenta-se como uma ferramenta necessária para se pensar esta poesia do século XX. Um século que divide o ser em partes (Freud) e que passa a entender o mundo a partir de uma *Teoria da relatividade* (Einstein). Cabe aqui, no entanto, explorar a temática suicidária, des-cortinando um Pessoa situado em grande arena pensamental que o aproxima, justamente, de notáveis investigadores da alteridade: Bakhtin, Freud, Einstein.

Fiquemos com o pensador russo, que para o presente caso de Teive, basta-nos. O reconhecimento do outro, amparado pelo tratamento singular das relações dialógicas, deveria figurar sempre como prio-

ridade criativa de uma nova forma artística do mundo:

Os valores de uma pessoa qualitativamente definida são inerentes apenas ao outro. Só com ele é possível para mim a alegria do encontro, a permanência com ele, a tristeza da separação, a dor da perda, posso encontrar-me com ele no tempo e no tempo mesmo separar-me dele, só ele pode ser e não ser para mim. [...] Em minha vida pessoas nascem, passam e morrem, e a vida-morte delas é frequentemente o acontecimento mais importante de minha vida, que lhe determina a existência. [...] Os termos de minha própria vida não podem ter essa importância do enredo, minha vida é a existência que abarca no tempo as existências dos outros (BAKHTIN, 2003, p. 93-97).

Apenas via outro torna-se possível que o “eu” experimente a si mesmo em completude. Se Bakhtin encontra essa multiplanaridade (BAKHTIN, 2003) da alteridade na poética de Dostoiévski, no pensamento da tanatografia, é Machado de Assis o precursor dessas consciências numa prosaística alicerçada no inacabamento. A ideia latente em Bakhtin, de que “ninguém disse a última palavra” (2002) tantas vezes repetida por ele (e pelo seu tradutor brasileiro, Paulo Bezerra) evoca a passagem de pessoas pelas vidas das pessoas. As alegrias, tristezas e dores das *calhas de roda* que compõem a vida tornam-se sensações possíveis em virtude da presença outra. Nessa definição geral e filosófica do conceito de alteridade.

essencial ao pensamento de Mikhail Bakhtin, as estéticas pessoas apresentam-se como prática vital no campo criativo de uma poética inteiramente nova: “a vontade de ser herói, de ter importância no mundo dos outros, a vontade de ser amado; a vontade de superar a fábula da vida, a diversidade da vida interior e exterior”. Essas categorias para pensar “biografia e autobiografia” incidem justamente nessa pulsão da heteronímia na “relação volitivo-emocional com a determinidade interior do homem”. Com Bakhtin, intuimos que a polifonia teve seus pilares enunciados nos diálogos socráticos e luciânicos e que a construção de uma poética multiplanar pessoa evoca tal possibilidade nos mais diversos âmbitos do conhecimento: “o problema da morte por dentro e da morte por fora” (BAKHTIN, 2003, p. 93-102). O distanciamento arquitetado por consciências “de intermédio” – para ficarmos com as palavras de outro poeta português e suicida, Mário de Sá-Carneiro – realiza-se cuidadosa e plenamente na vida que não se compõe enquanto enredo, mas que, enquanto existência, abarca enredos dos outros. A alteridade, é certo, surge como tópico basilar na emergência da heteronímia – porque é sempre responsiva e, portanto, responsável e respondível. Se (...) “somos feitos também da

morte dos outros”, como coloca Michel Schneider no livro *Mortes imaginárias* (2005, p. 10), e se somos também os intérpretes das “últimas sílabas” (2005, p. 12), então o Barão de Teive funda uma “autotanatografia” (2005, p. 14) exatamente por fazer a “escrita de si como morte” (2005, p. 14).

Nesses cruzamentos vitais e suicidários, a possibilidade de um *olhar nítido* sobre si vem condicionada ao poder de empreender descrições itinerantes da vida, da sociedade e das relações com os outros. Sempre de modo orgânico, característica vital da poética pessoana, o heterônimo suicida teoriza e poetiza o olhar movente de um ser que costumava andar buscando uma (...) “conduta racional da vida” que se apresentava como “impossível” (TEIVE, 2001, p. 28). Desta forma, o ponto de vista de Pessoa nunca permanece o mesmo, obrigando-o a lidar repetidas vezes com o pasmo que teria uma outra vida. Na “scripta” estoica, compromete-se com essa eterna novidade do mundo. Nesse esteio, pode-se inferir que sua escrita, por se tratar de experiência alheia, diversa daquelas postas em prática por Fernando Pessoa ele mesmo, acomoda em toda sua extensão o pasmo essencial das coisas tornadas inéditas para serem esquecidas. Já que são sempre novas para o poeta de carne e osso que se

deixa levar pelas experiências de outros – poetas de alma e palavra – são coisas velhas para aquele que se despede do mundo enquanto escreve.

Chegamos ao tema da eterna contradição humana, que nos interessa pelo que oferece de aporte à leitura do manuscrito de Teive. Importa escrutinar a perspectiva do suicida e sua ligação a uma tanatografia, escrita que, por assim dizer, localiza-se nos limites entre o viver e o morrer, concebendo visões inéditas do mundo para Pessoa. A atmosfera limítrofe – estoica, conforme quer o título da obra, mas também socrática, por percepção dialógica – ecoa em toda a extensão da obra artística: “o tempo do texto dura o tempo mesmo de tirar a própria vida” (SILVA JR., 2018, p. 145). Delineia-se, portanto, algo de socrático no estoicismo prosaico. Reverbera Sêneca, mas o pressuposto deste ensaio é, ainda, socrático – naquilo que ele legou de oral, dialógico e mesmo protorromanesco. O percurso filosófico efetuado desde o Sócrates de Platão (*Fédon*) e culminado na ascensão do romance do século XVII (para se pensar com Cervantes) abre portas para construirmos um entendimento tanatográfico das *margens da vida*, prosificadas por Teive.

Destacamos, para tal, o efeito dessas proposições filosóficas a par-

tir de Werner Jaeger (1995, p. 571):

o conceito decisivo para a história da *Paidéia* é o conceito socrático do *fim da vida*. Através dele, a missão de toda a educação é banhada por uma luz nova: já não consiste no desenvolvimento de certas capacidades nem na transmissão de certos conhecimentos [...]. A verdadeira essência da educação é dar ao Homem condições para alcançar o fim autêntico da sua vida.

A natureza pedagógica mencionada no título do manuscrito, atrelada à menção do estoicismo, corrente filosófica de raízes socráticas, originária da Grécia antiga, permite que identifiquemos n' *A educação do estoico* um conjunto de ensinamentos fúnebres. Trata-se de texto “composto de lições negativas” sobre sua vida e sobre si mesmo (ZENITH, 2001, p. 92). Por meio da dupla negação, o Barão proclama sua liberdade ao grifar a condição de moribundo suicida em que se encontra: “Estou agora liberto e decidido” (2001, p. 18). A tanatografia teiveana, então, encontra o expoente seminal para a construção de sua *Paidéia* mortuária na arena socrática. Arena heteronímica em que a morte flutua entre o alívio diante das aflições da vida (luto e melancolia) e a libertação da alma do corpo. Essa liberdade concede às personagens defuntas a obtenção de uma percepção que, condicionada em ambiente inusitado da ausência de corpo, por um heterônimo, facultava impressões inéditas da vida e do homem. Na obra tanatográfica aqui analisada, o suicídio opera na

fatura literária, sendo elemento angular na composição do personagem-autor-narrador: o suicídio, quando tornado discurso por Teive, transmuta-se em autoconsciência.

Além das proposições socrático-luciânicas presentes nas lições de moribundo, importa grifarmos as repercussões estoicas e o tratamento quase indiferente dispensado pelo Barão ao planejar seu próprio fim. Quando recorremos ao estoicismo possível no século XX, encontramos a impossibilidade de se pensar na morte de uma forma neutra – como apregoava Sêneca e como pregava Padre Vieira. Teive, ao atestar que a conduta racional da vida seria impossível, acrescenta nuances prosaicas, individualistas e relativistas. A sua atitude suicidária não é uma saída racional, mas uma entrada na autoria.

Encontramos, assim, no manuscrito do Barão de Teive uma certa estabilidade, ou mesmo uma impossibilidade de isenção narrativa, que lhe permite, em seu mais dramático instante de vida, compor uma prosaística de moribundo pautada não na *forma neutra* e na racionalidade, mas numa composição “scripta” que se faz cripta. A influência estoico-socrática repercute nos ensinamentos da “escrita da morte [realizada] na *hora da morte*” (ARIÈS, 2000) e evidencia a presença dos ensinamentos de Sêneca na voz heteronímica. Vale frisar que, em uma de suas cartas para Lucílio, o filósofo romano expõe as seguintes orientações a respeito de determinado momento que preocupava o aprendiz:

Estás preocupado, dizes-me, com o desfecho de uma ação movida contra ti por um inimigo louco furioso, e pensas que vou aconselhar que prevejas dias melhores e que encontres a paz nas suavidades da esperança. Para que apressar a chegada das desgraças e sofrer antecipadamente com o que deve ser suportado no momento apropriado, o que nos faz perder o presente por medo do futuro? Sem dúvida alguma, é uma tolice ficar hoje infeliz porque um dia há-de se ficar. (SÊNECA, 2002, p. 93).

Identificamos na prosa de Alvaro Coelho de Athayde – nome oficial do barão suicida, conforme apontamentos de Pizarro (2013, p. 607) – uma percepção que visa os mesmos domínios detentores do sofrimento precoce repreendidos por Sêneca. A amputação da perna esquerda de Teive nos serve de exemplo, além, é claro, do autoaniquilamento final, que parece se pautar em orientações estoicistas, ainda que se trate de um estoicismo prosificado no âmbito da ficção individualista. Com elementos romanescos ainda do século XIX, como quisemos mostrar lembrando Machado de Assis e Fiódor Dostoiévski, na constituição de sua prosa tanatográfica e suicidária, o não existir é uma condição de existência. Não existe porque é heterônimo. Mas existe porque é escritor, é autor, é “Pessoa” que assina.

A respeito dessas distinções, o Barão descreve uma peculiar lembrança sobre sua infância, que auxilia na compreensão de seu projeto de escrita:

O abstrato foi sempre para mim

mais impressionante que o concreto. Recordo-me de que, em criança, não tinha medo de ninguém, nem de bichos; mas tinha, sim, medo de quartos escuros... Recordo-me de que essa singularidade aparente desorientava a psicologia simples de que me rodeava (TEIVE, 2001, p. 37).

Tal singularidade na pretensa autobiografia de um heterônimo suicidário serve ao intuito de caracterizar a natureza de transferência dialógica verificada n’*A educação do estoico*. A infância do personagem, marcada pelo *medo de quartos escuros*, provável diálogo com as noites e os sonhos prosificados por Bernardo Soares, e berço daquele indomável “influxo da hereditariedade e da educação infantil” (TEIVE, 2001, p. 21) atuante em sua vida, ilustra sua melancólica busca pelo autodomínio. Para Zenith, não restam dúvidas, “Foi, de facto, a impossibilidade de dominar os seus sentimentos e até mesmo, afinal, as suas emoções que levou o Barão de Teive a pôr fim à vida” (2001, p. 89). Contudo, esse dialogismo heteronímico esboçado na tríade Teive, Pessoa e Soares – com rastros caeirianos por sua condição de defunto primeiro – desponta neste trabalho como arena singular para discussão de uma tanatografia suicida.

Nas poéticas dos Pessoas aqui destacados, o olhar itinerante e múltiplo se mostra mais eficiente para um pensamento alteritário sobre a condição suicida que um olhar monodiscursivo, pousado sobre um único escritor.

A definição existencial pelo falecimento pode ser considerada uma das principais lições d'A Educação do Estoico, pois os seres, enquanto viventes, não logram alcançar uma alteridade responsiva à existência coletiva, ocupados que estão em pensar sobre si mesmos na condição de protagonistas do drama vital:

A preocupação de um indivíduo consigo mesmo pareceu-me sempre a introdução, em matéria literária ou filosófica, de uma falta de educação. Quem escreve não repara que está falando por escrito, e assim há muitos que escrevem coisas que nunca ousariam dizer. Há os que alargam, em páginas sobre páginas, na explicação e análise do seu ser, quando esses mesmos – alguns deles, pelo menos – não se permitiriam fatigar um auditório, ainda que bem disposto para com eles, com o recital das suas personalidades (TEIVE, 2001, p. 29).

A crítica do Barão ao ser que se abstém em sua própria condição pauta-se em sua busca incessante por uma autodefinição, desejo jamais alcançado por aqueles com “falta de educação”: estoica e/ou socrática, destaque-se. O Barão preza pelo olhar retornante e despreza os que são incapazes de atingir tal intento. Assim, a única ação que realmente importa na produção do heterônimo é escrever, pois “quem escreve não repara que está falando por escrito, e assim há muitos que escrevem coisas que nunca ousariam dizer”. A escrita revela-se como ato de alteridade potencializado e tal interpretação justifica o fato de a dor alheia tornar-se, em

Teive, “mais do que uma só dor” (TEIVE, 2001, p. 35). Dor *deveras sentida*, inerente à condição de *poeta não fingidor* que chega a desencadear a própria morte como gesto responsável e responsivo ao outro. Em suma, pôr termo à própria existência torna-se, aqui, capacidade máxima de *outrar-se*, na medida em que chegar ao ato final requer vislumbrar-se a si mesmo como um não-eu.

Tratando-se por suicida, Teive busca estabelecer um diálogo interno em que apenas o padecimento lhe traria condições para alcançar necessário “excedente de visão” (BAKHTIN, 2003), desprendido de si próprio. A consciência de que apenas o autocídio, entre a autoria e o suicídio, pode trazer-lhe as ferramentas necessárias para a construção de uma definição única de si mesmo tem como cerne a lição deixada pela morte de sua mãe: “O amor dela, que nunca me fora claro enquanto viva, tornou-se nítido quando a perdi” (TEIVE, 2001, p. 27). A similitude do trecho literário com a teoria freudiana ratifica a proposição por nós lançada de que, na primeira metade do mortuário século dos extremos (HOBBSAWM, 2008), conjuga-se uma notável arena artística/intelectual de problematização da noção de heteronimidade – termo fundante do conjunto de textos que compõem a tautografia pessoal.

Falta ainda uma citação de Teive: “Essas páginas não são a minha confissão senão a minha definição. Sinto, ao começar a escrevê-la, que a poderei escrever com algum mo-

do de verdade” (TEIVE, 2001, p. 19). A ação suicidária, aliada à prosa tanatográfica, ambiciona atingir uma elucidação sobre o autor – para si e para quem quer que seja. Justifica-se esse propósito, possivelmente, com a alteração do subtítulo do texto, cuja versão inicial, chamada de “O Último Manuscrito do Barão de Teive”, fora modificada para “O Único Manuscrito do Barão de Teive”.

A autoconsciência editorial do fidalgo português lembra o mesmo gesto empreendido séculos antes, em Espanha, pelo autor-criador de outro fidalgo: Dom Quixote de la Mancha, de Miguel de Cervantes. Note-se que, no romance do século XVII, o lançamento de prólogos ficcionais – especialmente no segundo volume – expõe o desejo de anular a emergência de eventuais textos (apócrifos) sobre as personagens centrais. Neste sentido, se n’*O engenhoso romance* o prólogo anuncia que o personagem principal encontra-se morto e enterrado, no subtítulo eleito pelo autor-suicida para *A educação do estoico*, torna-se evidente que o adjetivo “único” (preferido a “último”) encerra neste manuscrito toda a ação autoral do barão pessoano.

Retomando a passagem que trata do fato e do ato de “resolver a morte de fora”, como um “ato voltado para dentro dela mesma” (TEIVE, 2001, p. 34), verificamos ser possível conjugar as duas forças que o próprio autor defunto pessoano vai definindo em seu *manuscrito* – que se faz cripta mortuária e editorial. Em virtude de um caráter mais despojado, capaz de conceder à

consciência a almejada liberdade para falar aquilo que jamais antes se ousaria dizer, resolve-se a morte de fora. Contudo, no ato voltado para dentro, concentra-se a incessante busca empreendida pela auto-definição da consciência inacabada. Essa bipartição repercute diretamente na composição da obra tanatográfica. Encontramos essa disjunção na delonga do moribundo em se cravar “no peito o gládio” que o mataria (TEIVE, 2001, p. 58). A hesitação (pode-se dizer, inclusive, legatária do *modus operandi* do *Brás Cubas*, de Machado de Assis) que se prolonga por toda a extensão da sua produção ficcional deixada na gaveta-cripta, opõe-se outro polo, responsivo tanto quanto antagônico: a ânsia do autor pelo “ato final”.

Ao comentar uma lembrança sobre o dia em que pensou ter perdido todos os seus manuscritos, “toda a expressão de toda a minha vida” (TEIVE, 2001, p. 46), Teive descreve duas sensações despertadas pelo episódio:

estando longe de casa, ouvi um rebate de fogo que me pareceu na freguesia. Ocorreu-me que fosse em minha casa, onde, aliás, não fora. E, ao passo que, antigamente, um pavor de se poderem perder meus manuscritos me haveria tomado toda a alma, notei, com pasmo duplo, que a possibilidade de o fogo ser em minha casa me deixara indiferente, quase feliz na ideia de que, destruídos esses manuscritos, se me simplificaria a vida. Antigamente, a perda dos meus manuscritos, de toda a obra fragmentária mas cuidada da minha vida, reduzir-me-ia à loucu-

ra; já agora a contemplava como um incidente casual do meu destino, não como um golpe mortal que aniquilasse, por lhe aniquilar as manifestações, a minha própria personalidade (TEIVE, 2001, p. 45-46).

O pavor e o pasmo de outrora transformam-se, para surpresa do autor, em indiferença diante da perda de seus papéis. Anos mais tarde, em semelhante situação, o Barão decide fazer o seguinte sacrifício:

Nos dois dias passados ocupei o meu tempo em queimar, um a um – e tardou dois dias, porque às vezes reli – os meus manuscritos todos, as notas para os meus pensamentos defuntos, os apontamentos, às vezes trechos já completos, para as obras que nunca escreveria. [...] Fiz sem hesitar esse sacrifício, pelo qual me quis despedir, como num queimar de ponte, da margem da vida de que me vou afastar. Estou agora liberto e decidido. Matar-me; vou agora matar-me (TEIVE, 2001, p. 18).

A consumação do papel pelo fogo, auto-sacrifício feito porque “quis [se] despedir, como num queimar de ponte, da margem da vida”, pode ser pensada, diante da complexa condição heteronímica, enquanto etapa de iniciação ao sepulcro descrita pelo fidalgo: “Matar-me; vou agora matar-me”. Isso explica o sentimento de liberdade e a satisfação alcançada pelo autor, que diria, mais tarde, não se arrepender “(...) de ter queimado o esboço todo das minhas obras. Não tenho mais a legar ao mundo que isto” (TEIVE, 2001, p. 32).

A retenção do Barão para con-

verter os papéis em cinzas, assim como sua demora para cometer o suicídio, são hesitações que perderam, mesmo diante daquela dramática “inadaptação à realidade da vida”, mencionada pelo ortônimo (PESSOA, 2011, p. 506). O homem que se torna outro de si mesmo, no ato da escrita, tem de lidar com, no mínimo, duas forças que dominam seu impulso axional.

Na escrita de morte reside uma pulsão, embora melancólica e lutuosa, de vida. Como eco dessa poética da negação tanatográfica, temos a existência, ou a inexistência, de um momento específico em que o Barão tivesse deveras se matado. Como podemos verificar no último parágrafo do manuscrito, o narrador fornece indicações suficientes para que identifiquemos, naquele momento derradeiro do livro, o trespasse:

saúdo, para que não falte à lei aquele a quem toda a lei falta. Mas, acabando de saudar, cravo no peito o gládio que me não servirá no combate. Se o vencido é o que morre e o vencedor quem mata, com isto, confessando-me vencido, me instituo vencedor (TEIVE, 2001, p. 58).

Colhemos, contudo, ao longo da narrativa, pistas de que o suicídio de Teive não se trata de ato único e final, antes de um processo incessante e simultâneo à produção do livro autoconsciente:

Eu passeava remorsos de mim entre os meus poucos arvoredos. Havia jantado cedo e seguia, sozinho como um símbolo, sob as sombras inúteis

e o sussurro lento das ramagens vagas. Tomou-me de repente um desejo de abdicação intensa, de claustro firme e último, uma repugnância de ter tido tantos desejos, tantas esperanças, com tanta facilidade externa de os realizar, e tanta impossibilidade íntima de o poder querer. Data dessa hora suave e triste o princípio do meu suicídio (TEIVE, 2001, p. 22).

Em recente ensaio a respeito da tanatografia teiveana, está dito que “o tempo do texto dura o tempo mesmo de tirar a própria vida” (SILVA JR., 2018, p. 135). Na prosa referida, a interrupção do viver não se trata apenas de ato final, mas de monólogo tornado discurso autoconsciente e inacabado. Assim, definimos a existência de uma dupla natureza no falecimento de Teive: um, corpóreo e delimitado no tempo; o outro, textual e inacabado. Dessa maneira, encaminhamo-nos para um desfecho referente à constatação subsequente: “O que me levará ao suicídio é um impulso” (TEIVE, 2001, p. 17). Compreendemos essa escrita suicidária como um exercício autoconsciente que comporta a ação suicidante do autor em sua própria estrutura. Tal premissa encontra amparo em todas as reflexões a respeito da herança literária e autobiográfica deixada pelo fidalgo:

quero deixar, ao menos, com a precisão com que puder fazê-la, uma memória intelectual da minha vida, um quadro interior do que fui. Desejo, já que não pude deixar de mim

uma sucessão de belas mentiras, deixar o pouco de verdade que a mentira de tudo nos concede supor que podemos dizer (TEIVE, 2001, p. 18).

O escritor guarda na gaveta-crypta a marca e o legado de sua miséria. Lamenta tudo que viveu, não lamenta ter queimado seus outros manuscritos. Ama justamente aquilo que se enterra com ele. Mas conta a última história como se fosse a sua única história. Teive é isto: um heterônimo único de um único *manuscripto*. A concepção de suas últimas palavras faz dessa tanatografia a narrativa de seus últimos pensamentos e de seu grande ato (derradeiro). Fantasma em heteronímia que se consolida na esperança de uma obra *manuscripta* a ser encontrada por alguém (outro) que a possa publicar.

O ato de retirar-se da vida, enquanto prática tanatográfica, torna possível sentir o morrer antes de seu acontecer. O fato premeditado, duplicado na escrita, revela um Barão que deseja ter leitores e que quer deixar para esses seus outros um quadro interior que comprove o aparentemente insolúvel problema que confronta: tirar a própria vida para existir. Quando um heterônimo se mata, ele enforma o seu tempo (biográfico) no mundo. Tira do ortônimo qualquer onisciência e potência perante o outro e se lança prepotentemente no mais insondável propósito da escrita: a ação mesma de existir.

When a heteronym commits suicide: thanatography and otherness in *Educação do estoico*, by Barão de Teive

Abstract: Death writing, which is called thanatography, shows itself through the conjugation of elements that make of literature a prodigious field for the discussion of the restless human condition towards dying. This article analyzes the relation between writing and suicide based on the work of a fictional author erected by Fernando Pessoa, known as Barão de Teive. We access from this heteronym his only manuscript, *A educação do estoico* (1928), which discusses authorial, sepulchral and vital questions, formulated on the mainstay of stoic philosophy in a necessary dialogue with Socratism. Relating Pessoa's heteronymic phenomenon to the dialogical process of otherness construction longed for by the theorist Mikhail Bakhtin, we scrutinize new ways of observing the self-annihilation of a self-created author which creates an artistic and philosophical prose at the core of its end.

Keywords: suicide; thanatography; heteronym; otherness.

Referências

ARIÈS, P. *O homem perante a morte*. Mira-Sintra; Mem Martins: Publicações Europa-América, 2000.

ASSIS, Machado de. *Memórias posthumas de Braz Cubas*. Rio de Janeiro; Paris: Livraria Garnier. 4 Edição. s.d.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 5 ed. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CERVANTES, Miguel de. *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha*. Trad. Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os demônios*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002.

_____. *Bobók*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2005.

FREUD, Sigmund. Contribuições para uma discussão acerca do suicídio. Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Trad. Jayme Salomão. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

JAEGER, Werner. *Paidéia: formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patricio. *Eu sou uma antologia* – 136 autores fictícios [Fernando Pessoa]. Lisboa: Tinta-da-China, 2013.

SOARES, Bernardo. [Fernando Pessoa]. *Livro do desassossego*. Org. Richard Zenith. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Livro do desassossego*. Org. Jerónimo Pizarro. Rio de Janeiro: Tinta-da-China Brasil, 2013.

SCHNEIDER, Michel. *Mortes imaginárias*. São Paulo: A Girafa, 2005.

SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues da. Morte e decomposição biográfica em *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 2008. 216 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Instituto de Letras. Universidade Federal Fluminense, Niterói.

_____. Tanatografia e morte literária: decomposições biográficas e reconstruções dialógicas. In: *Revista ComCiência* (UNICAMP). v. 11, p. 1-10, 2014.

_____. Tanatografia em Pessoa: ensaio sobre o suicídio heteronímico de Teive. In: FERREIRA, Sandra; BERGAMO, Edvaldo A. (orgs). *Em Pessoa: estudos sobre a poesia e a prosa de Fernando Pessoa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2018, p. 135-157.

TEIVE, Barão de [Fernando Pessoa]. *A educação do estoico*. Richard Zenith (org). Lisboa: Assírio & Alvim, 2001.

ZENITH, Richard. POST-MORTEM. In: TEIVE, Barão de [Fernando Pessoa]. *A educação do estoico*. Richard Zenith (org). Lisboa: Assírio & Alvim, 2001, p. 85-110.

Recebido em: 30/11/2018
Aprovado em: 07/03/2019